

Festival da Cultura Oceânica

Entre os dias 23 e 29 de agosto, Santos foi palco do Festival da Cultura Oceânica 2025, uma celebração global dedicada a refletir sobre a relação da sociedade com o oceano e a construir soluções colaborativas para o desenvolvimento sustentável, a economia azul e o enfrentamento das mudanças climáticas. O Festival, fruto de uma série de eventos similares iniciados em 2018 e que cresce a cada edição, consolidou-se como referência internacional ao reunir diferentes setores em uma semana dinâmica de diálogos, vivências e construção de agendas. A edição deste ano mobilizou milhares de pessoas, estudantes de 20 escolas, contou com 138 palestrantes, 21 sessões temáticas, 19 eventos satélites em 6 cidades da Baixada Santista e a presença de representantes de 40 países, que trouxeram olhares diversos para a centralidade do oceano na vida social, cultural, econômica e ambiental.

Um dos marcos do encontro foi a realização, em parceria com o Governo da França, de um workshop sobre estratégias educacionais, conectando a experiência brasileira do Programa Escola Azul com a francesa das Áreas Marinhas Educativas e reforçando o papel da cooperação internacional na Década da Ciência Oceânica da ONU. As mesas e seminários realizados ao longo da semana abordaram desde temas ligados à economia azul até o papel estratégico da comunicação e da educação para a ação climática. No seminário “Oceano em Movimento – Diálogos para uma Economia Azul Sustentável e Inclusiva”, especialistas como Jacqueline Uku, do Quênia, e Thauan Santos, da Escola de Guerra Naval, destacaram que mais do que promover crescimento econômico, a economia azul precisa ser guiada pela sustentabilidade e pela justiça social, garantindo a inclusão de diferentes vozes e a valorização dos saberes locais. Este Seminário foi liderado pelo MCTI e faz parte da construção da estratégia nacional para a Economia Azul.

Na mesa “Fronteiras Vivas: Cultura Oceânica, Cidades e Portos em Transformação Climática”, com a participação da Cônsul-Geral da França em São Paulo, Alexandra Mias, e do Capitão de Mar



Debate conduzido pelo Prof. Ronaldo Cristofolletti, com a presença do Secretário da CIRM e demais autoridades.

e Guerra Marcus André de Souza, além de representantes da Autoridade Portuária de Santos e setores do públicos e privados da região, foram discutidos os desafios da descarbonização do setor portuário e o potencial da agenda ESG. O debate mostrou que a integração entre cidades e portos é essencial para fortalecer a resiliência climática, alinhando políticas públicas, inovação territorial e consciência social. Já a sessão “Conectando Escalas: Planejamento Espacial Marinho, Agendas das COP e o Currículo Azul”, contou com a presença do Contra-Almirante Ricardo Jacques Ferreira, da SECIRM, e destacou a importância da governança oceânica e do desenvolvimento do Currículo Azul, que visa incluir o oceano na educação básica brasileira e estimular práticas pedagógicas inovadoras alinhadas às metas globais.

A pauta da equidade de gênero e as contribuições das experiências do PROANTAR também tiveram protagonismo na sessão “Romper Ondas, Romper Barreiras: Mulheres Avançando na Ciência da Terra, do Oceano e das Regiões Polares”, que contou com a participação de Margarete Carvalho, do CNPq, e ressaltou que alcançar a igualdade de gênero na ciência requer superar barreiras estruturais, fortalecer a liderança feminina e criar

políticas robustas de inclusão. Outro destaque de contribuição do PROANTAR foi a mesa “Conectando Ciência, Jornalismo e Clima – da Amazônia à Antártica rumo à COP30”, que reuniu nomes como Andrea Cruz, do MCTI, Ronaldo Cristofolletti do ComANTAR e jornalistas como Paulina Chamorro, Ernesto Neves (Editor da Veja), Armin da Augusto (Rede Globo), Thiago Felix (CNN) e outros comunicadores, para debater os caminhos da comunicação científica e o papel da mídia em traduzir conhecimento em soluções práticas, inspirando a sociedade a agir frente à crise climática.

O Festival da Cultura Oceânica 2025 deixou claro que a transformação necessária diante da crise climática e ambiental depende da articulação entre ciência, educação, comunicação, comunidades, governos e setor privado. O evento reafirmou o protagonismo brasileiro no cenário internacional às vésperas da COP30 em Belém e dos resultados da 3ª Conferência Mundial da Década do Oceano em Nice, consolidando a cultura oceânica como um eixo estratégico para um futuro mais justo, sustentável e resiliente, destacando a importância da Antártica e da Amazônia Azul interagindo com os demais biomas brasileiros para a promoção da economia e resiliência climática brasileira.

Currículo Azul: educação oceânica brasileira é finalista de prêmio nacional

O Currículo Azul, reconhecido pela UNESCO como experiência pioneira no mundo, é finalista do Prêmio Espírito Público 2025 na categoria Educação. A iniciativa, desenvolvida pela UNIFESP em parceria com a UNESCO, MCTI e SECIRM, leva a cultura oceânica para os currículos escolares, aproximando ciência, educação e sociedade em prol da sustentabilidade.

Criado em 2018, o prêmio valoriza servidores e projetos de impacto social. Este ano, a votação

popular abriu em 10 de outubro, e a cerimônia de premiação será no final de novembro.

Mais que um projeto educacional, o Currículo Azul é um movimento nacional que conecta escolas, universidades, comunidades tradicionais e gestores públicos. Ao integrar temas como clima, biodiversidade, equidade e saberes locais ao cotidiano escolar, fortalece a cidadania oceânica e climática.

Em cinco anos, já impactou milhares de estudan-

tes e professores em todo o país, promoveu formação docente, produziu materiais pedagógicos inclusivos e mobilizou milhões de pessoas por meio das Escolas Azuis e da Olimpíada do Oceano.

A indicação ao prêmio reforça o papel estratégico da Amazônia Azul e da educação como motores de transformação, projetando o Brasil como referência internacional em políticas públicas para um futuro sustentável.

Por: Prof. Ronaldo Cristofolletti (ambos textos).